

A CULTURA POLÍTICA DE PARTIDÁRIOS EM PORTO ALEGRE/RS: OS SIMPATIZANTES DO PT E DO PMDB

Bianca de Freitas Linhares¹
Simone Pileti Viscarra²

Resumo. Existem muitas e diferentes abordagens utilizadas na Ciência Política para trabalhar com partidos políticos, sendo a maioria de caráter institucionalista. Com o propósito de ampliar o debate em outra direção, o presente artigo objetiva verificar se existem diferenças de cultura política entre eleitores simpatizantes de partidos políticos na cidade de Porto Alegre/RS. Tal pesquisa auxilia na compreensão dos motivos que levam determinados partidos terem maior mobilização de simpatizantes em determinadas épocas. Com essa finalidade, são utilizados os dados provenientes da pesquisa realizada em Porto Alegre/RS no ano de 2005. Estes dados representam o tripé interesse-confiança-participação políticas. Parte-se do pressuposto de que eleitores de partidos mais à esquerda possuem um perfil mais cooperativo, de maior confiança e interesse por política, hipótese esta que se confirma.

Palavras-chave: cultura política; partidos políticos; simpatizantes do PT; simpatizantes do PMDB, Porto Alegre.

The political culture in Porto Alegre/RS: the PT and PMDB sympathizers.

Abstract. There are many and different approaches used in Political Science to work with political parties, and most of them with an institutionalist character. In order to broaden the discussion in another direction, this article aims to verify if there are differences of political culture between voters sympathizers of political parties in the city of Porto Alegre/RS. This research helps in understanding the reasons that lead some parties to have greater mobilization of supporters in certain times. For this purpose, data are used from a survey conducted in Porto Alegre/RS in 2005. These data represent the tripod: interest-confidence-political participation. It

¹ Bacharel e Licenciada em Ciências Sociais pela UFRGS. Mestre e Doutoranda em Ciência Política pela UFRGS. Pesquisadora do NUPESAL/UFRGS.

² Licenciada em Ciências Sociais pela UFRGS. Mestranda em Ciência Política pela UFRGS. Pesquisadora do NUPESAL/UFRGS.

is the assumption that voters of the left parties have a profile more cooperative, more confidence and interest in politics, hypothesis which is confirmed.

Key-words: political culture, political parties, sympathizers of the PT; sympathizers of the PMDB, Porto Alegre.

1 Introdução

Estudos sobre partidos políticos são, possivelmente, os mais numerosos na área da Ciência Política. Talvez esse fato se deva à essencialidade da presença dos partidos em uma democracia, posto que, conforme o teorema de Schattschneider, a democracia moderna é impensável sem partidos políticos (1942). Segundo Jaime C. Gracia (2001), quando remetemos os partidos a um sistema democrático é necessário que se enfatize o papel que estes possuem, principalmente como responsáveis pela intermediação entre Estado e Sociedade Civil. Neste sentido, pode-se dizer que as atividades dos partidos se encontram, principalmente, divididas em duas: sociais e institucionais. Na área social, encontram-se atividades como: socialização política, mobilização, formação de opinião pública, representação de interesses e legitimação do sistema. Na área institucional, encontram-se atividades como recrutamento e seleção das elites políticas e formação dos principais órgãos do Estado (GRACIA, 2001).

Autores como Giovanni Sartori e Maurice Duverger trabalharam brilhantemente este assunto. Duverger (1967) buscou a definição de *partidos políticos*, classificando-os em partidos de quadros (modelos europeu e americano) e de massa (indiretos e de países subdesenvolvidos), partidos dominantes e ditatoriais. Nessa mesma direção, Sartori (1982) tratou desde a definição de *partido político*, vendo o partido como uma parte e como um todo, suas propriedades (canalização, comunicação e expressão), sua formação (por exemplo, as frações, as facções e as tendências), até a classificação dos sistemas partidários (na forma mais geral, por exemplo, dividem-se em competitivos e não-competitivos).

Também no Brasil as pesquisas que envolvem o tema dos *partidos políticos* são numerosas dentre as linhas de pesquisa que compõe a área da Ciência Política. Em uma breve pesquisa no *site* de busca *Google Acadêmico-Brasil* verificou-se que há 19.100 entradas³ para buscas de artigos a partir do termo *partidos políticos*. De forma geral, os

³ Pesquisa realizada em 25 de julho de 2008.

estudos na área da Ciência Política têm se direcionado para a verificação da manutenção da democracia considerando, em maior escala, os partidos políticos em detrimento de outras temáticas (como a culturalista), como é argumentado neste artigo.

Pesquisas cujas bases são os *partidos políticos* geralmente seguem a corrente de pensamento institucionalista, buscando nas instituições as razões para o funcionamento da democracia. Entretanto, a base do sistema democrático não está apenas nas instituições, mas também nas unidades-base da própria política, ou seja, nos cidadãos. Pois, dentro de um contexto maior, cada pessoa serve como uma unidade-base da política em uma democracia, já que são os indivíduos que formam partidos, escolhem seus governantes, entre outros. Se a população não fornecesse esse suporte, a própria democracia não se sustentaria. Assim, a questão que se coloca é ver a política e a democracia não sendo apenas uma composição das instituições e suas redes de relações que se dão entre as elites, mas, como algo que toma corpo a partir de sua base. Enfim, advoga-se que é preciso levar em conta cada cidadão ou eleitor.

Nesses termos, pode-se falar em duas fortes vertentes teóricas que propiciam diferentes pesquisas na Ciência Política: a culturalista e a institucionalista. As pesquisas de Cultura Política ainda são, numericamente, pouco expressivas no Brasil.⁴

Mas, afinal, quais são as principais diferenças entre as linhas teóricas culturalista e institucionalista? Em artigo publicado em 2004, Carreirão e Kinzo fazem uma boa recapitulação da produção na Ciência Política sobre a identificação partidária, que permite apontar as diferenças mais agudas entre as referidas teorias. Os autores indicam que na literatura internacional há duas principais vertentes de estudos sobre identificação partidária. Uma é a *Escola de Michigan*, culturalista, que coloca a identificação partidária como fator explicador da escolha eleitoral, baseado no processo de socialização do indivíduo, sendo de difícil mudança. A outra vertente é a *Escolha Racional*, institucionalista, que questiona ser a socialização do indivíduo a única ou principal fonte da sua identificação partidária. Carreirão e Kinzo (2004) ainda enfatizam que, principalmente, a literatura americana (culturalista) se preocupa em trazer as tendências históricas da identificação partidária. Nesses estudos, verifica-se o declínio da estabilidade

⁴ Realizada, novamente, uma pesquisa no site *Google Acadêmico Brasil* (em 25 de julho de 2008), porém agora com as palavras *Cultura Política*, encontramos apenas 4.160 respostas em comparação com as 19.100 encontradas sobre *Partidos Políticos*.

de padrões de identificação partidária e de taxas de comparecimento eleitoral em várias democracias avançadas. Portanto, pode-se presumir que, mesmo sendo a identificação partidária um reflexo da socialização dos indivíduos, esta é, sim, passível de mudanças de acordo com questões históricas ou acontecimentos individuais.

Estas duas vertentes não são necessariamente excludentes. Tanto é que os estudos sobre partidos que privilegiam, ou ao menos consideram, a visão culturalista estão tomando espaço no Brasil. Há significativas tentativas de utilização de ambas as correntes de pensamento institucionalista e culturalista, como a de Sell e Borba (2006). Estes autores defendem uma convergência das teorias institucionalista e culturalista para explicar diferentes âmbitos da vida política. Outra obra que busca abordar ambas as correntes teóricas é o livro “Partidos, representação e comportamento eleitoral no Brasil”, organizado por Nazzari (2006), que vai ao encontro da idéia de valorizar a cultura e a institucionalização política a fim de compreender o funcionamento das instituições políticas.

Outro autor que segue essa mesma linha de análise é David Samuels que, em seu artigo “As bases do petismo” (2005), busca traçar o perfil das bases eleitorais do Partido dos Trabalhadores, verificando o que define um petista e fatores associados a essa definição. O autor utiliza, para tanto, dados de pesquisa quantitativa e técnicas estatísticas para tratar as variáveis classe social/profissão, opiniões sobre questões políticas, ideologia, etnia, gênero, religião, escolaridade e formas de participação política. Ou seja, Samuels procura dados em pesquisa de opinião para traçar o perfil de petistas. Tendo como ponto de partida a análise desse autor, é nessa direção que o presente artigo pretende avançar, mostrando as diferenças de comportamento que se verificam entre simpatizantes de diferentes partidos. Assim, buscamos apresentar a importância dos estudos de cultura política ao verificar esse aspecto de simpatizantes partidários. Denominamos *simpatizantes* os eleitores com preferência partidária, que não são necessariamente filiados, mas se identificam com algum partido.

No lastro destes estudos, utilizando a teoria culturalista, esse artigo objetiva verificar o perfil da cultura política dos eleitores na cidade de Porto Alegre/RS que afirmam possuir preferência partidária. A partir disso, o problema de pesquisa que apresentamos neste artigo é: há diferença de participação, confiança e interesse por política entre simpatizantes de diferentes partidos políticos? Acreditamos que estudos desta natureza auxiliam na compreensão da desvalorização que os partidos políticos vêm sofrendo por parte da população. Como hipó-

tese do estudo, parte-se do pressuposto de que eleitores simpatizantes de partidos mais à esquerda possuem um perfil mais cooperativo, de maior confiança e interesse por política que os demais simpatizantes. Em outras palavras, os simpatizantes de partidos de esquerda possuem uma cultura política mais próxima do tipo cívico.

Para atingir o objetivo proposto, são utilizados dados provenientes de pesquisa realizada na referida cidade, no ano de 2005, intitulada “Capital Social e Desenvolvimento Sustentável na Promoção da Cidadania e Qualidade de Vida - Um estudo comparado entre as cidades de Porto Alegre/Brasil, Montevidéu/Uruguai e Santiago/Chile”, coordenada pelo Núcleo de Pesquisa sobre a América Latina (NUPE-SAL-UFRGS).⁵ Essa pesquisa utilizou a metodologia quantitativa, contando com uma amostra representativa das populações. Na cidade de Porto Alegre, foram aplicados 500 questionários em 24 bairros da cidade, de maneira aleatória, com eleitores seguindo cotas de gênero, idade e escolaridade. Para traçar o perfil da cultura política dos eleitores porto-alegrenses, foram analisadas as respostas das perguntas que representam o tripé interesse-confiança-participação política (característico de estudos de cultura política) da referida pesquisa.

2 Cultura política e partidos políticos

Caracterizar a cultura política de um grupo expõe dimensões como interesse, confiança e participação política. Para Gabriel Almond (1989), a cultura política é um conjunto de características que auxiliam na compreensão de comportamentos e opiniões da população em termos de política procedimental. Mais precisamente, este conjunto engloba o senso de identidade nacional, atitudes participativas (não só institucionais, mas também com os demais cidadãos), atitudes em relação aos *outputs* do governo e à sua *performance* e, ainda, conhecimento e atitudes sobre processos políticos de decisão, entre outros.

Muitas disciplinas contribuíram para cunhar o conceito de cultura política. Estudiosos da área da antropologia começaram, nos anos 1920, a direcionar seus estudos para a compreensão da cultura, assim formando os primeiros alicerces que deram base aos estudos posteriores, na década de 1960, quando o conceito de cultura política é exposto pela primeira vez. O conceito, ora multidisciplinar, foi criado por Almond e Verba (1963) a partir da contribuição de disciplinas como a

⁵ A pesquisa contou com o apoio financeiro do CNPq.

psicologia, antropologia e sociologia, que buscavam elucidar os aspectos subjetivos das orientações políticas das pessoas.

Na área da sociologia deve-se dar destaque à influência de Saint-Simon, Comte, Marx e Weber. Da psicologia social, vem o esforço para compreender *como* e *por que* atitudes e comportamentos de indivíduos são condicionados pela presença de outros indivíduos e grupos sociais. A partir dos anos 1940, a disciplina passou a se preocupar em descobrir como atitudes políticas e sociais são formadas e modificadas. Já da psico-antropologia vem a tentativa de explicar propensões de cultura política pelos modelos de socialização, motivações inconscientes e mecanismos psicológicos (ALMOND, 1989).

Para Lucian Pye (1969), cientista político, a noção de cultura política traz à tona atitudes, sentimentos e cognições que informam e governam o comportamento político em qualquer sociedade. Tais características não se dão por acaso, pois representam um modelo que, ao mesmo tempo, se adapta e se reforça. Esse autor ainda sustenta que por meio do processo de socialização, que dá forma à cultura política, pode-se compreender o impacto das dimensões políticas e não-políticas na determinação do comportamento político das pessoas.

Sidney Verba (1969) aponta quatro dimensões significativas para o estudo da cultura política. A primeira dimensão diz respeito à identidade nacional, ou identidade política, que são crenças individuais, estendidas a todos que se consideram membros de uma nação. Essa é uma das crenças básicas que define o indivíduo, legitima as atividades da elite nacional e possibilita que ela sustente sua confiança e seus seguidores. A segunda dimensão se refere à identificação de outros cidadãos como membros do mesmo sistema político, ou seja, é a identidade nacional vista em uma relação horizontal, com o senso de integração com as demais pessoas. A terceira dimensão está ligada à *performance* do governo, no que sempre se espera algum tipo de *output* do governo (resposta/interesse). O autor ressalta que nem todo *output* se refere a bens e serviços, aparecendo também como regulação do próprio *output* ou do comportamento das pessoas. Aqui reside a diferença entre o que um governo *faz pelos* cidadãos e *para* os cidadãos. No caso do governo agir *pelos* cidadãos, ele é considerado como um corpo decisório. Tendo nos *outputs* ações *para* os cidadãos, o governo recebe de seus membros reconhecimento e obediência. Por último, tem-se a dimensão da crença política do processo de tomada de decisões. Nessa dimensão, entra a importância de *como* são tomadas as decisões, destacando-se a importância da participação. Tendo por base essas quatro dimensões definidas por Verba (1969), pode-se dizer que

os partidos políticos devem (ou deveriam) desempenhar importante papel em todas elas.

Para fins desse artigo, como definição do conceito de cultura política, utilizaremos as idéias defendidas por Almond e Verba, em sua obra “The civic culture” (1963), que caracteriza a cultura política como um conjunto de atitudes/orientações que as pessoas têm sobre o sistema político e seu papel neste sistema. Pois, como anteriormente afirmado, não se pode falar de sistema político sem levar em consideração as pessoas que o compõem, tanto as que estão diretamente vinculadas a esfera institucional, quanto as que não estão. E isso indica a importância de estudar as bases dos partidos políticos segundo a teoria culturalista.

Outro aspecto que deve se levar em conta quando se pretende compreender a cultura política de uma região são as questões históricas desta. Para justificar importância desta utilizam-se estudos do pesquisador Marcello Baquero (2000), que defende a compreensão dos partidos através da verificação da forma como esses nasceram, se estruturaram, se relacionam com os cidadãos e demais instituições políticas e de que maneira são vistos pela sociedade e sua credibilidade junto aos eleitores. Nesse sentido, Baquero se baseia na cultura política para tratar a relação entre partidos e eleitores na América Latina. Fazendo uso de pesquisas de opinião, o autor mostra as predisposições negativas dos latino-americanos quanto aos partidos políticos e seus padrões de comportamento, sem deixar de lado os fatores históricos que influenciam normas e valores internalizados pelos cidadãos.

Em trabalho anterior, Baquero identifica a importância e a necessidade de estudar a relação entre cultura política e partidos políticos, pois:

Um dos principais estudiosos da democracia contemporânea tem apontado para a necessidade de se examinar a associação entre composição cultural e econômica de um país, por um lado, e a estrutura de partidos por outro (NOHLEN, 1987). Seu trabalho aponta, portanto, para a necessidade de incorporar a dimensão da cultura política para compreender, com mais profundidade, as virtudes ou deficiências dos partidos políticos (BAQUERO, 1999, p. 17).

Em estudo realizado com base em dados de pesquisa de 1982, Carlos Arturi (1984) buscou o perfil dos eleitores de cada partido em Porto Alegre. Analisou a intenção de voto segundo idade, escolaridade,

situações ocupacional e profissional. O pesquisador também verificou variáveis de informação, envolvimento político e de orientação político-partidária. Assim, o autor conseguiu traçar tendências do eleitorado de partidos políticos.

Já o artigo de Carmem Franzón (1984) vai mais ao encontro do que se pretende nesta breve pesquisa. A autora estudou a vinculação entre preferência partidária e variáveis que caracterizam o estrato social da população, a fim de identificar as bases sociais da identificação com partidos em Porto Alegre na eleição de 1982. A autora considera o estudo de comportamento eleitoral como “um instrumento valioso para a investigação da composição social dos partidos em função da análise de representação e participação política” (FRANZÓN, 1984, p. 42).

Com a apresentação desses estudos, fica evidente a importância de tratar o tema *partidos políticos* não apenas por uma visão institucionalista, mas também pela culturalista. Se é possível falar que a cultura política é o resultado da soma entre história coletiva de um sistema político e da história de vida dos indivíduos, ou seja, eventos públicos e experiências privadas (PYE, 1969), torna-se interessante analisar o comportamento das pessoas que formam as bases dos partidos. Dessa forma, toma-se como inevitável o estudo da cultura política da população que detém algum tipo de preferência partidária. Corrobora nesse posicionamento o pensamento de Baquero, para quem:

A análise dos partidos políticos na perspectiva behaviorista dá ênfase aos indivíduos e à sua influência ou não nessas organizações. Fundamentalmente, trata de examinar as atitudes e o comportamento das pessoas em relação a um objeto, nesse caso, o político. O partido é visto como uma entidade em permanente mudança devido à sua influência e constante interação com os indivíduos (2000, p. 117).

É nesse sentido que avaliar a cultura política dos eleitores de Porto Alegre, que possuem preferência partidária, é justificável e importante. Verificar valores e normas, crenças e atitudes desses eleitores possibilitará que sejam trazidos à tona traços característicos da base de apoio desses partidos, permitindo que se compreendam questões como *por que determinado partido político consegue mobilizar mais seus simpatizantes, por exemplo, em época de eleição do que outros*. Na seção seguinte, serão analisados alguns dados referentes aos indicadores de cultura política na população eleitoral de Porto Alegre.

3 A cultura política dos simpatizantes

Iniciamos a apresentação dos dados com base em pesquisas como o *World Values Survey* (WVS, 1994-1999, 2005) e o *Latinobarómetro* (2004). Ambas as pesquisas têm mostrado o crescente desinteresse da população latino-americana quanto à política em geral. Os dados das pesquisas mencionadas mostram que, em 2003, apenas 11% dos brasileiros tinham algum tipo de confiança nos partidos (LATINO-BARÓMETRO, 2004). E segundo dados do WVS (onda aplicada em 1994-1999), chega a 67,6% o percentual de brasileiros que, em algum grau, não confiam nos partidos políticos. Os resultados dessas pesquisas colocam em xeque o desempenho dos partidos, e por conseqüência, da própria democracia, considerando-se mais uma vez o teorema de Schattschneider (1942) mencionado anteriormente.

Se a democracia moderna só existe com partidos, os partidos só existem e são fortes com sua base de apoio. E é exatamente a falta de apoio da população que vem ocorrendo em países da América Latina. Esse comportamento pode estar ligado a vários motivos. Entre eles, Baquero (2007, p. 5) destaca “la percepción del aumento de la corrupción la qual es danosa para la construcción democrática”. Compreende-se, portanto, um dos porquês de os partidos políticos possuírem baixas taxas de apoio na América Latina e, particularmente, no Brasil.

Com essa avaliação, passa-se a examinar os indicadores de cultura política dos simpatizantes de partidos políticos em Porto Alegre/RS, quais sejam o de interesse por política, a confiança pessoal/institucional e a participação política e social (BAQUERO, 2000). Para este trabalho, se defende a idéia de que o apoio a um partido é reflexo da identificação da população com este. E o comportamento das pessoas que compõem essa base pode servir de baliza para a compreensão de valores, normas, crenças e atitudes do grupo como um todo.⁶

A partir de tal constatação formulou-se a hipótese a ser verificada no presente artigo: quanto mais à esquerda, mais se tem um com-

⁶ Conforme Baquero e Prá (2007, p. 107-108), “no estudo de cultura política, valores e normas devem ser diferenciados de atitudes e crenças por se tratarem de disposições psicológicas que desempenham diversas funções. Enquanto valores e normas dizem respeito a padrões internalizados de comportamento, atitudes e crenças se referem à avaliação ou convicção da pessoa a respeito de um objetivo específico. Da mesma forma, as fontes e os processos de formação de orientações são diferentes. Valores e normas são internalizados durante a infância e a adolescência, por meio do processo de socialização política; atitudes e crenças são formadas pela interação entre os valores e normas socializadas cedo na vida e no comportamento do(s) sujeito(s)”.

portamento comunitário, coletivista, de participação, de interesse e de confiança. Disso desdobra-se a verificação de que as bases de partidos mais à esquerda estariam, portanto, mais propensas a desenvolver um maior estoque de cooperação.

Para testar nossa hipótese, primeiramente é necessário verificar o interesse dos porto-alegrenses pelo assunto *política* e se eles costumam se manter informados a respeito. As tabelas 1 e 2 trazem essas informações.

Tabela 1 - Você se interessa por política? (%)

Opinião	%
Sim	31,3
Mais ou Menos	37,7
Não	31,0

n=496

Fonte: Pesquisa Desenvolvimento Sustentável e Capital Social na promoção da Cidadania e da Qualidade de Vida. NUPESAL/UFRGS, 2005.⁷

Os porto-alegrenses, em sua maioria, possuem algum tipo de interesse pela política e pouco mais de um terço da população realmente não se interessa pelo assunto. Mesmo sendo minoria, esse percentual de não-interesse por política preocupa, pois apenas 31% dos porto-alegrenses de fato se interessam por assuntos relacionados à política. Nesse ponto, torna-se relevante lembrar que o interesse por política é um dos pontos fortes que indicam a cultura política. Ele resulta do desempenho governamental, que propicia (ou não) o interesse e o envolvimento dos cidadãos em assuntos políticos (BAQUERO e PRÁ, 2007).

O segundo passo para o desenvolvimento desse artigo foi verificar a porcentagem de porto-alegrenses que se identificam com algum partido e a determinação desses (tabelas 2 e 3). Os respondentes apontaram no total onze partidos, sendo selecionados neste artigo apenas os dois com maior número de simpatizantes: o Partido dos Trabalhadores (PT) e o Partido do Movimento Democrático Brasileiro (PMDB).⁸ Para

⁷ Todas as tabelas apresentadas neste artigo provêm da mesma fonte.

⁸ Foram também citados: PDT (8,2%), PTB (5,1%), PSDB (4,4%), PSTU (1,9%), PP (1,3%), PSB (1,3%), PV (1,3%), PL (0,6%), PFL (0,6%) e outros (1,3%).

fins de análise, consideramos que, numa escala ideológica dos partidos políticos brasileiros, o PT encontra-se mais à esquerda do que o PMDB. Conforme apresentado em Singer (2002), a questão ideológica é mais bem vislumbrada no sistema partidário brasileiro desde, pelo menos, o período 1945-1964, caracterizado pelo multipartidarismo segmentado entre centro-esquerda, centro e direita. Passados os períodos de bipartidarismo (1965-1979) e de pluripartidarismo restrito (1979-1985), o multipartidarismo (a partir de 1985) retomou seu espaço no sistema partidário brasileiro. Para Jairo Nicolau (1996, apud SINGER, 2002, p. 46), seis grandes partidos conseguiram se organizar sistematicamente e são classificados na seguinte escala ideológica:

Quadro 1 - Ideologias dos Partidos em Nicolau (1996)

ESQUERDA	CENTRO	DIREITA
PT	PSDB	PFL
PDT	PMDB	PPB

Fonte: Elaborado com base em Nicolau (1996, apud SINGER, 2002).

Já Lima Júnior (1993) classificou os partidos políticos da primeira eleição do período multipartidário brasileiro (a partir de 1985) em uma escala ideológica de duas categorias: direita e esquerda, como segue no Quadro 2, abaixo:

Quadro 2 - Ideologias dos Partidos em Lima Jr. (1993)

ESQUERDA	DIREITA
PT	PFL
PDT	PTB
PCB	PMDB
PSDB	PDS
	PRN

Fonte: Elaborado com base em Lima Jr. (1993).

André Singer (2002), ao analisar o uso da escala direita-esquerda para eleitores brasileiros localizarem os partidos políticos, afirma que

los electores lo hicieron coherentemente con la clasificación usada pela *ciencia política*. Deste modo en

la izquierda aparecían el PT, el PDT, el PCB y el PC do B. Em el centro quedaban el PSDB, el PMDB, el PI y el PTB, y en la derecha se encontraban el PDS, el PFL y el PRN (SINGER, 2002, p. 153, grifos nossos).

Entretanto, Singer argumenta que algumas pesquisas (como a de Elizabeth Balbachevsky, 1995 apud SINGER, 2002) mostram o PMDB ocupando a categoria dos partidos de direita, segundo classificação de eleitores. Ao analisar o exposto acima, em qualquer uma das escalas ideológico-partidárias apresentadas, o PT está sempre mais à esquerda do que o PMDB.⁹ Assim, neste artigo, com dados de 2005, o PT é visto com o um partido de esquerda e o PMDB como de direita.

Tabela 2 - Você se identifica com algum partido? (%)

Opinião	%
Sim	33,9
Não	66,1

n=496

Tabela 3 - Qual partido? (%)

Partido	%
PT	64,0
PMDB	10,0
Outros	26,0

n=158

Os dados das tabelas acima mostram, como já constatado em pesquisas anteriores, que a identificação com partidos políticos não é alta, mesmo um terço dos respondentes afirmando possuir algum tipo

⁹ Nos últimos anos, no cenário nacional, PT e PMDB estão passando por um período de aproximação entre ambos, o que levaria a uma relativização da escala ideológica. Contudo, não é esse o caso no presente artigo, posto que os dados utilizados na análise se referem a Porto Alegre (com relações partidárias peculiares em comparação ao quadro nacional), coletados no ano de 2003 (período em que a oposição entre PT e PMDB no município encontrava-se bem pontuada).

de interesse em assuntos políticos. Apenas 34% da população estudada afirmam possuir esse tipo de preferência.

A tabela 3 deixa evidente que a grande maioria da população tem preferência pelo PT (64%), enquanto o PMDB fica com a segunda maior preferência (10%). Esse comportamento já era esperado principalmente por dois motivos. O primeiro deles é que o PT esteve à frente da prefeitura de Porto Alegre durante quatro mandatos consecutivos (entre 1989 e 2004) mostrando, assim, possuir ampla base de apoio da população. O segundo motivo é que o PMDB é um partido forte no Estado desde quando era MDB, antes da redemocratização do Brasil. O PMDB assumiu o governo estadual algumas vezes e está entre os partidos mais votados desde 1982 (TRINDADE e NOLL, 1991 e 1995).

Após constatar que a maioria dos porto-alegrenses não possui identificação partidária, o objetivo das próximas tabelas é caracterizar o perfil da cultura política de petistas e peemedebistas. A primeira questão a esse respeito é verificar como se dá o interesse pela política entre os simpatizantes dos dois partidos e se existem diferenças entre eles. Assim, a seguir, serão analisados dados quanto à participação política e social para, então, estudar os dados referentes à confiança inter-pessoal e institucional. A tabela a seguir contempla o interesse político.

Tabela 4 – Você se interessa por política? (%)

Partido	PT	PMDB
Sim	79,8	68,8
Não	20,2	31,2

n=115

Conforme apontam os dados da Tabela 4, os simpatizantes do PT possuem maior interesse por assuntos políticos do que os do PMDB, apesar de a porcentagem de pessoas simpatizantes deste último partido que se interessa por política, ser bastante grande. Esse posicionamento pode ser explicado, em parte, pela composição partidária do atual Governo Federal (segundo mandato do Governo Lula) e seus resultados apresentados à sociedade quanto a políticas públicas e à economia. A partir dessa questão de interesse por política, indaga-se

quanto à importância da participação das pessoas na política (Tabela 5) e sobre a participação efetiva destas em diversas organizações (Tabela 6).

Tabela 5 - Você considera importante a sua participação na política para resolver os problemas do país? (%)

Partido	PT	PMDB
Sim	84,8	81,3
Não	15,2	18,8

n=115

Tabela 6 - Você participa ou já participou de alguma dessas organizações? (%)

Organização	PT		PMDB	
	Sim	Não	Sim	Não
Partidos Políticos	31,7	68,3	6,2	93,8
Reuniões Políticas	39,6	60,4	12,5	87,5
Comícios	47,5	52,5	37,5	62,5
Associações Sindicais	17,8	68,2	6,7	93,3
Conselhos Populares	15,8	84,2	12,5	87,5
Manifestações ou Protestos	42,6	57,4	12,5	87,5
Ocupações de terrenos ou prédios públicos	7,9	92,1	6,3	93,8
Greves	27,7	72,3	6,3	93,8
Abaixo-assinados	64,4	35,6	62,5	37,5
ONGs	14,9	85,1	12,5	87,5
Associações Comunitárias	31,7	68,3	31,3	68,8
<i>Associações Religiosas</i>	32,7	67,3	43,8	56,3

n=117

A participação das pessoas em atividades políticas ou não-políticas é outro indicativo do tipo de cultura política do grupo. A partir dos dados da Tabela 5, pode-se perceber que a maior parte dos simpatizantes de ambos partidos considera importante sua participação

na esfera política a fim de solucionar problemas do país. Em todas as organizações citadas na Tabela 6, a porcentagem de participantes simpatizantes do PT foi maior do que a dos simpatizantes do PMDB, apenas atingindo porcentagens próximas a respeito das associações comunitárias, abaixo-assinados e em ONGs. A única forma de participação que os simpatizantes do PMDB apresentaram maiores níveis de participação foi em associações religiosas. As maiores diferenças de participação entre os dois grupos estudados estão na participação em manifestações ou protestos, reuniões políticas, partidos políticos e greves.

Assim, os dados evidenciam um apoio difuso à democracia: existe um pensamento de que a participação seja importante, mas, a ação de participar, de fato, não ocorre. Em outras palavras, enquanto ambos os grupos de simpatizantes dão importância equivalente à participação política para resolver os problemas do país, estes apresentam respostas díspares quando indagados de sua participação. E esta não se coloca em porcentagens tão altas quanto à opinião de que participar seja importante. Em suma, a participação nas organizações apontadas é, de maneira geral, baixa: nenhuma participação (exceto abaixo assinados) possui porcentagem superior a 50% dos respondentes.

Quanto às mais elevadas porcentagens estarem na participação em abaixo-assinados e comícios, pode ser que a participação nessas duas atividades seja mais corriqueira devido ao seu baixo-custo político. Na maior parte das organizações que realizam suas ações no âmbito político, como a participação em partidos políticos, em reuniões políticas, em comícios, em associações sindicais, em manifestações ou protestos e em greves, os simpatizantes do PT têm maior presença. O ato de ocupar terrenos ou prédios públicos foi rechaçado pela grande maioria de simpatizantes tanto do PT como do PMDB, talvez pelo caráter de a ação ser vista como ilegal/imoral. Entretanto, a participação política deve ser compreendida em suas atividades formais (participação nas diversas atividades acima) como em informais (como a ocupação de terrenos ou prédios públicos) (BAQUERO e PRÁ, 2007).¹⁰

Nessa mesma direção da participação, foi perguntado aos entrevistados se eles votariam caso o voto no Brasil fosse facultativo. Esse questionamento tem como propósito verificar a chamada *ação expres-*

¹⁰ Sobre a participação política não convencional, Baquero e Prá afirmam: “com o surgimento do Estado moderno, a democracia, do ponto de vista do envolvimento dos cidadãos na política, passou a ser examinada de forma restritiva, dando-se importância somente a formas socialmente aceitas e patrocinadas pelo Estado. Essas atividades, denominadas de convencionais, colocam a ênfase em fatores formais de ingerência política” (2007, p. 136). Essa conduta pode explicar o posicionamento da população em relação às atividades políticas informais.

siva de participação (WILKER e MILBRATH apud BAQUERO e PRÁ, 2007). Os dados se encontram na Tabela 7.

Tabela 7 - Se no Brasil o voto não fosse obrigatório, você votaria? (%)

Partido	PT	PMDB
Sim	82,2	81,2
Não	17,8	18,8

n=117

Pensando na amostra da pesquisa, que contou com 500 casos, observou-se que 29% da população não votaria caso o voto não fosse obrigatório. Quando são selecionados para responder a questão apenas os simpatizantes do PT e do PMDB, esse percentual cai 11 pontos. Apenas 18% deles afirmam que não votariam. O percentual de simpatizantes do PT e do PMDB quase se iguala ao afirmar sua predisposição positiva em relação ao voto (82,2% e 81,2% respectivamente).

Outra parte do tripé que sustenta esse trabalho sobre cultura política e partidos diz respeito à confiança da população em instituições políticas e nas relações interpessoais. Muito possivelmente a confiança venha a ser uma reação da população a ações, disposições e *performance* dos governos (VERBA, 1969). Baquero e Prá (2007) apontam que há no mínimo seis abordagens sobre a formação da confiança:

A primeira abordagem fundamenta seus argumentos na perspectiva toquevilleana de que ser membro de associações ajuda a construir a confiança generalizada, por meio do desenvolvimento de valores democráticos. [...] contemporaneamente seriam as organizações formais que assumiriam monopolisticamente a mediação e a representação política. Uma segunda abordagem sugere que confiar nos outros é uma experiência pessoal com as instituições. [...]. A terceira explicação [...] está enraizada na moralidade individual, ou seja, o desejo de compartilhar as tarefas coletivas e normas morais cotidianas. [...]. A próxima explicação está baseada na experiência comunitária que levaria as pessoas a desenvolverem mecanismos mais apurados de confiança recíproca a partir da tentativa de maximizar o bem coletivo. [...]. Uma quinta perspectiva diz respeito à confiança institucional ou política. Pode existir uma

certa desconfiança pessoal, mas isso não teria grandes repercussões se as pessoas confiam nas instituições políticas para resguardar os interesses de cada um. [...]. Finalmente, atribui-se à educação um papel essencial no desenvolvimento de padrões de confiança (BAQUERO e PRÁ, 2007, p. 165-166).

A Tabela 8 traz os números relativos à questão se as pessoas confiam em várias instituições e pessoas.

Tabela 8 - Você confia? (%)

Instituição	PT		PMDB	
	Sim /Pouco	Não	Sim /Pouco	Não
Congresso Nacional	58,2	41,8	50,1	49,9
Gov. Federal	77,0	23,0	62,6	37,4
Assembléia Legislativa	61,2	38,8	50,1	49,9
Gov. Estadual	59,6	40,4	62,5	37,5
Câmara Municipal	63,0	37,0	50,1	49,9
Governo Municipal	62,9	37,1	68,8	31,2
Judiciário	74,5	25,5	80,0	20,0
Partidos	52,0	48,0	43,8	56,2
Polícia	64,4	35,6	75,0	25,0
Sindicatos	73,7	26,3	60,0	40,0
Associações Comunitárias	88,5	11,5	75,0	25,0
Meios de Comunicação	72,3	27,7	93,8	6,2
Igreja	77,8	22,2	87,5	12,5
Família	98,0	2,0	100,0	0,0
Vizinhos	84,1	15,9	86,7	13,3
Pessoas	38,1	61,9	31,3	68,8

n=117

Segundo os dados acima, a desconfiança na maior parte das instituições políticas é marcante, sendo menor nas instituições com relações mais horizontais, mas predominando em relação às pessoas

em geral. Os simpatizantes do PT possuem mais confiança do que os simpatizantes do PMDB no Congresso Nacional, no Governo Federal, na Assembléia Legislativa, na Câmara Municipal, nos partidos políticos e nos sindicatos. Já os peemedebistas são um pouco mais numerosos ao afirmarem confiança nos governos estadual e municipal, no judiciário e na polícia, mas a diferença de porcentagem de confiança entre os grupos se dá por diferença menor que oito pontos percentuais (exceto em relação à polícia). Esse comportamento pode ser compreendido pelo fato de o PT estar atuando em 2005 no governo federal, enquanto o PMDB estava nos governos municipal e estadual nesse ano.

Quanto à confiança em relações pessoais e não-políticas, os simpatizantes do PMDB são mais numerosos ao afirmar confiança na igreja e nos meios de comunicação. Por sua vez, os petistas confiam mais nas associações comunitárias. Os simpatizantes dos dois partidos confiam quase igualmente na família (adeptos do PT, 98% e do PMDB, 100%) e nos vizinhos (PT, 84,1% e PMDB, 86,7). Chama atenção a porcentagem de não confiança nas pessoas, que atinge quase 62% dos petistas e 69% dos peemedebistas. De uma forma geral, os petistas confiam mais tanto em instituições quanto em organizações de relações horizontais.

4 Conclusão

Um dos objetivos na análise quantitativa aqui realizada foi verificar se os eleitores identificados com partido mais à esquerda do espectro ideológico possuem uma cultura política mais próxima do tipo cívico, ou seja, possuem maiores níveis de interesse, confiança e participação política. Os eleitores que se identificam com algum partido, aqui denominados simpatizantes, representam cerca de 34% da população de Porto Alegre. Isso a despeito de 69% dos porto-alegrenses ter afirmado se interessar por política e 68% dizer que se mantêm informados sobre o assunto. Ou seja, o fato de as pessoas se interessarem e se informarem sobre política não significa que estas se identifiquem com algum partido político. Isso, mais uma vez, aponta a descrença dos cidadãos nos partidos.

Depois de recorrer aos dados referentes à cultura política, utilizando perguntas que indicam interesse-confiança-participação políticas, pode-se dizer que os simpatizantes do PT possuem uma cultura política mais voltada ao tipo cívico do que os do PMDB, assim confirmando nossa hipótese. Isso porque o grupo dos eleitores petistas se identi-

ficou como possuindo mais interesse por assuntos políticos, uma opinião positiva maior de que participar é importante para a política e maior disposição de participar de instituições políticas e sociais de uma maneira geral. Contudo, os dois grupos de simpatizantes afirmaram que votariam em pleitos mesmo se esses fossem facultativos.

Quando levantados os dados sobre confiança interpessoal, mesmo que ambos os grupos estudados tenham mostrado confiança equivalente nas suas famílias e vizinhos, são os petistas que afirmam confiar mais nas pessoas em geral. Esses resultados entre os simpatizantes do PT pode ser uma das razões que justifica esse grupo possuir uma participação política mais elevada.

Descrevendo a confiança institucional dos grupos estudados verifica-se que, novamente, é o grupo de simpatizantes do PT que se dispõe a confiar mais no sistema político e social brasileiro. E, provavelmente, a maior porcentagem de confiança institucional dentre os petistas se justifica pelo fato desse grupo ser o que mais participa de partidos, reuniões políticas e comícios, estando, desse modo, a participação e a confiança interligadas. Dessa forma, a hipótese de que o partido político mais à esquerda possui, em maior grau, cultura política cívica, é confirmada.

Essa informação leva a pensar em outros mecanismos que podem auxiliar na compreensão do desempenho dos partidos políticos. O comportamento, a cultura política das bases dos partidos pode indicar motivos pelos quais há maior mobilização em época de eleições. Essa questão também pode apontar como os partidos agem na cooptação de seus simpatizantes. Este estudo foi realizado também com o intuito de mostrar que a teoria culturalista pode auxiliar na compreensão das ações e reações políticas e, assim, estimular a realização de novas pesquisas nessa direção.

Referências

- ALMOND, Gabriel. The intellectual history of the civic culture concept. In: ALMOND, G.; VERBA, S. (Eds.). **The civic culture revisited**. Newbury Park/London/New Delhi: Sage Publications, 1989. p. 1-36.
- ALMOND, Gabriel; VERBA, Sidney. **The civic culture: political attitudes and democracy in five nations**. Boston: Little Brown, 1963.
- ARTURI, Carlos S. Perfil do eleitorado porto-alegrense em 1982. In: BAQUEIRO, M. (Org.). **Abertura política e comportamento eleitoral nas eleições de 1982 no Rio Grande do Sul**. Porto Alegre: Ed. UFRGS, 1984.

_____. Partidos e cultura política na América Latina: uma combinação de instabilidade política? In: _____ (Org.). **Desafios da democratização na América Latina**. Porto Alegre: Ed. da UFRGS/Centro Universitário La Salle, 1999.

_____. **A vulnerabilidade dos partidos políticos e a crise da democracia na América Latina**. Porto Alegre: Ed. UFRGS, 2000.

BAQUERO, Marcello. **La (re)valorización de los partidos políticos en Brasil vía capital social**, 2007. (artigo no prelo).

_____; PRÁ, Jussara R. **A democracia brasileira e a cultura política no Rio Grande do Sul**. Porto Alegre: ed. UFRGS, 2007.

CARREIRÃO, Yan de Souza; KINZO, Maria D'alva G. Partidos políticos, preferências partidárias e decisão eleitoral no Brasil (1989-2002). **Revista Dados - Revista de Ciências Sociais**, Rio de Janeiro, v. 47, n.1, 2004.

DUVERGER, Maurice. **Os partidos políticos**. Rio de Janeiro/ Brasília: Zahar Editores/ Ed. UnB, 1967.

FRANZÓN, Carmem Marília D. Partidos, representação política e grupos sociais. In: BAQUERO, M. (Org.). **Abertura política e comportamento eleitoral nas eleições de 1982 no Rio Grande do Sul**. Porto Alegre: Ed. UFRGS, 1984.

GOOGLE Acadêmico-Brasil. Cultura Política [Online]. **Site de busca Google Acadêmico-Brasil**. Disponível em: <<http://scholar.google.com.br/>>. Acesso em: 25/07/2008.

GOOGLE Acadêmico-Brasil. Partidos políticos [Online]. **Site de busca Google Acadêmico-Brasil**. Disponível em: <<http://scholar.google.com.br/>>. Acesso em: 25/07/2008.

GRACIA, James Cárdenas. Partidos políticos y democracia. **Cuadernos de Divulgación de La Cultura Democrática**, Instituto Federal Electoral, México, n. 8, 2001. Disponível em: http://www.ife.org.mx/documentos/DECEYEC/partidos_politicos_y_democracia.htm>. Acesso em: 20/07/2008.

LATINOBARÓMETRO. **Relatório**, 2004.

LIMA Jr., Olavo Brasil de. **Democracia e instituições políticas no Brasil dos anos 80**. São Paulo: Loyola, 1993.

NAZZARI, Rosana Kátia (Org.). **Partidos, representação e comportamento eleitoral no Brasil**. Cascavel: EDUNIOESTE, 2006.

PYE, Lucian W. Introduction: political culture and political development. In: PYE, L.; VERBA, S. **Political culture and political development**. Princeton: Princeton University Press, 1969. p. 3-26.

SAMUELS, David. As bases do petismo. **Revista Opinião Pública**, Campinas, v. X, nº 2, out. 2005.

SARTORI, Giovanni. **Partidos e sistemas partidários**. Rio de Janeiro/Brasília: Zahar Editores/ Ed. UnB, 1982.

SCHATTSCHEIDER, E. E. **Party government**. New York: Farrar and Rinehart, 1942.

SELL, Carlos Eduardo; BORBA, Julian. Eleições municipais e sistema partidário em Santa Catarina (1996-2004): uma análise a partir dos resultados eleitorais. In: CARREIRÃO, Yan de Souza; BORBA, Julian (Orgs.). **Os partidos na política catarinense: eleições, processo legislativo, políticas públicas**. Florianópolis: Insular, 2006. p.49-66.

SINGER, André. **Izquierda y derecha en el electorado brasileño: la identificación ideológica en las disputas presidenciales de 1989 y 1994**. Buenos Aires: CLACSO, 2002.

TRINDADE, Héglio; NOLL, Maria Izabel. **Rio Grande da América do Sul: partidos e eleições (1823-1990)**. Porto Alegre: Ed. UFRGS/Sulina, 1991.

_____. **Estatísticas eleitorais comparativas do Rio Grande do Sul (1945-1994)**. Porto Alegre: Ed. UFRGS/Assembléia Legislativa do RS, 1995.

VERBA, Sidney. Conclusion: comparative political culture. In: PYE, L.; VERBA, S. **Political culture and political development**. Princeton: Princeton University Press, 1969. p. 512-560.

WORLD VALUES SURVEY. **Online Data analysis - data bases of Brazil (1994-1999, 2005)**. Disponível em: <<http://www.worldvaluessurvey.org/>>. Acesso em: 20.jul.2007.

Bianca de Freitas Linhares
E-mail: bipolitica@hotmail.com

Simone Pileti Viscarra
E-mail: simoneviscarra@gmail.com

Artigo recebido em agosto/2008.
Aprovado em setembro/2009.